



CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

7 de fevereiro de 2026

VÃO-ME BUSCAR ALECRIM

Go Get Some Rosemary

de Benny Safdie e Josh Safdie, 2009



Realização: Benny Safdie, Josh Safdie. **Argumento:** Benny Safdie, Josh Safdie, Ronald Bronstein. **Fotografia:** Brett Jutkiewicz, Josh Safdie, Sean Williams. **Som:** Benny Safdie, Zachary Treitz, Evan Mangiamele. **Casting:** Eleonore Hendricks, Alex Kalman. **Direção artística:** Ariel Schulman, Sam Lisenco. **Montagem:** Ronald Bronstein, Brett Jutkiewicz, Benny Safdie, Josh Safdie. **Colorista:** Eli Friedman. **Com:** Ronald Bronstein, Eleonore Hendricks, Sage Rinaldo, Frey Rinaldo, Alex Greenblatt, Victor Puccio, Abel Ferrara. **Produção:** Sophie Dulac, Michel Zana, Brett Jutkiewicz, Sam Lisenco, Casey Neistat, Tom Scott, Zachary Treitz, Eleonore Hendricks, Charles Merzbacher, Matt Walker, Benny Safdie, Josh Safdie. **Cópia:** 35mm, cores, legendado electronicamente em português. **Duração:** 96 minutos. **Estreia mundial:** 16 de Maio de 2009 (Festival de Cannes.) **Estreia nacional:** IndieLisboa 2010. **Estreia comercial portuguesa:** 15 de Julho de 2010.

Well the old world may be dead / Our parents can't understand
But I still love my parents / And I still love the old world
Oh, I had a New York girlfriend / And she couldn't understand how I could
Still love my parents and still love the old world / So I told her:
I want to keep my place in the old world / Keep my place in the arcane
Cause I still love my parents and I still love the old world
(Old World, Modern Lovers)

Lenny farta-se de correr neste filme: não apenas porque está atrasado para ir buscar os filhos à escola, enquanto deixa um rolo de película correr no cinema onde trabalha (um cinema de retrospectivas, virado para o passado, como os vários que se recusam a morrer na metrópole nova-iorquina), porque está a tentar fugir de um ladrão que lhe quer roubar aquilo que tem e não tem nos bolsos (interpretado pelo realizador Abel Ferrara, uma homenagem a um dos melhores bandidos do cinema norte-americano), ou, por fim, porque foi apanhado pela polícia, à paisana, enquanto escrevia num *graffiti*, em letras gigantes, o estatuto que mais definia a sua alegria de vida e, simultaneamente, a sua angústia existencial: "DAD" (valendo-lhe uma imerecida noite na prisão). Lenny corre, na verdade, e talvez seja esta a mais importante razão, porque está atrasado - e estará sempre, até ao fim da sua vida -, em relação à sua própria infância, tempo mágico e fantasioso que se recusa abandonar e que lhe é condenado, pelos outros, como um regresso à mais pura e impossível das irresponsabilidades naquela que é a ordem rigorosa, ordeira e responsável da vida adulta (ao ponto de colocar os seus próprios filhos em coma, inocentemente, talvez porque nem eles conseguem acompanhá-lo na sua terrível luta contra... a morte).

Não queríamos ser demasiado mórbidos ao escrever sobre um filme tão magnífico sobre a infância — talvez o mais comovente a sair do cinema norte-americano no início do séc. XXI. Mas tudo, no mundo de Lenny, parece estar condenado a desaparecer: os filmes em película, os desenhos animados em VHS, a sensação única e irrepetível de uma música reproduzida no som de um disco em vinil, os *comics* em papel, os *diners* onde se senta em Manhattan (e já não servem o *one footer hot dog*), o próprio direito a conseguir viver num apartamento, por muito pequeno que seja, naquela que foi a metrópole mais dada às aventuras, às surpresas, à violência da vida adulta e, também, da infância mais tresloucada: uma Nova Iorque transfigurada, na década de 90, e que se tornou numa das cidades mais caras e gentrificadas do nosso planeta. Que lugar ainda existirá, hoje, para tudo isto?

Benny e Josh Safdie, certamente inspirados pela sua própria infância e por aquilo que terão vivido com os seus pais (ou o seu pai), não nos falam apenas, por isso, de um desaparecimento afectivo: de filmes, de ruas, de pessoas, da imprevisibilidade que uma cidade inteira conseguia oferecer de quarteirão em quarteirão (e há uma citação do também magnífico *IN THE STREETS*, filme de Janice Loeb, James Agee e de Helen Levitt, feito entre 1946 e 1952, sobre a vida das ruas nova-iorquinas conquistadas pela infância). Falam-nos, também, de um possível resgate de todo esse tempo: uma cidade que deixou marcas, um cinema que deixou marcas (e que foi recuperado por um "cinema independente", longe da indústria), uma infância que, ainda hoje, deixa marcas... Tudo isso apenas recuperável no único lugar que consegue unir essas várias dimensões e juntá-las, no seu movimento, ao desejo de melhorar o nosso presente e romper, pela sua violência, choque e ternura, com a previsibilidade que se instala no nosso olhar: o cinema. Talvez estas pessoas (pois os Safdie trazem sempre a verdadeira vida para dentro das suas ficções - e o actor principal é também o montador do filme -, e poderíamos, aqui, tanto falar do norte-americano Cassavetes como das lições do neo-realismo italiano) acabem mesmo fora de Manhattan e os adultos, por sua vez, se conformem com a sua idade. *GO GET SOME ROSEMARY* mostrou que, afinal, o (enésimo) anúncio da morte do cinema foi manifestamente exagerado.

Francisco Valente | Cinemateca

(o autor escreve segundo o antigo acordo ortográfico)